

Desmantelado na capital ^{1/10/61} supermercado da candonga

♦ Horário do "estabelecimento" era à noite

por Bernardo Mavanga

Um autêntico «supermercado» da candonga foi desmantelado ao entardecer de anteontem no n.º 109 da Rua Godinho de Mira residência sitta no Bairro da Malhangalene. Vinte e dois sacos de amendoim (duas toneladas e duzentos quilos), oito sacos de feijão manteiga (800 quilos), 530 quilos de arroz, frangos, camarão do tipo «tigre», exclusivo para a exportação, várias dúzias de ovos, um frigorífico a transbordar de carne de cabrito, uma caixa de sabão, dois grandes sacos de pão e ainda seis caixas de chourço, e cervejas. Estes são apenas alguns dos produtos que ainda aguardavam venda quando as autoridades neutralizaram este candongueiro. Paulino Larsen, de seu nome.

Há algum tempo falava-se num tal comerciante clandestino que, para além de abastecer de géneros de primeira necessidade aos seus amigos, gozava de grande «popularidade» e impunidade.

Os rumores deram histórias e des- tanto se falou que o facto chegou ao conhecimento das autoridades policiais. Iniciada a investigação veio a

tempo a sua casa, num estabelecimento. Na sua casa foram também encontrados um enorme frigorífico que se destinava ao armazenamento de frescos, duas balanças, uma grande e outra pequena, um enorme tronco do género dos que se utilizam nos talhos e os respectivos cutelos.

Mais de 30 caixas de vasilhame, umas de vinho e outras de cerveja,

envolvido no acambramento de produtos de primeira necessidade e comércio clandestino, como também na prática abusiva da venda de tais produtos a preços altamente especulativos.

Para não perder tempo com explicações e outras coisas assim, numa das paredes da sua casa afixou uma tabela de preços por ele estabelecida. Nela se podia ler: carne de vaca 250,00 meticals o quilo, um quilo de arroz, 40,00 meticals, cerveja média, 90,00 meticals; cerveja familiar, 90,00 meticals, 15 quilos de batata 300,00 meticals, entre outros preços também excessivamente altos.

A comercialização era habitualmente feita durante a noite, por forma a que tudo passasse despercebido. Porém, havia casos em que certos clientes apareciam mesmo durante o dia, só que tudo decorria no máximo sigilo.

Quando na terça-feira lá estivemos, três empregados domésticos entraram pela porta adentro, cerca das 17.30 horas. Traziam consigo cestos e recados para os donos do negócio. Um dos recados que os mensageiros nos deixaram ver dizia: — Bom-dia.

Se puder arranjar-me frangos, uns 5. Vão duzentos para qualquer coisa para comer agora. Mande-me a conta total de tudo. Cheguei ontem, obrigado — O bilheteinho vinha assinado mas a rubrica era imperceptível.

Um outro bilheteinho encontrado na casa número 109 pertence a uma tal Haissa, indicava que ela acabava de fazer ali um rancho no valor de 6 050,00 meticals.

**RECUSO-ME A PRESTAR
DECLARAÇÕES A INFORMAÇÃO**

Paulino Larsen foi detido ontem pelas autoridades. Depois de muitas tentativas vãs para encontrá-lo as autoridades policiais decidiram deixar ontem uma intimação em sua casa, ordenando que ele se apresentasse ontem na PIC.

Consciente das vulgarices que comete — segundo afirma — obedeceu à ordem apresentando-se na tarde de ontem às autoridades. Ali tentamos abordá-lo sobre a sua actividade clandestina, ao que nos respondeu — recuso-me a falar para a imprensa. Eu vim aqui para prestar declarações à polícia e não a esses que procuram assuntos só para encher os buracos do seu jornal. Há por aí criminosos e é a esses que vocês devem entre- visar.

Não tardou a Paulino Larsen converter-se no agente da polícia e no jornalista, simultaneamente. Dirigia-nos perguntas e não respostas. Só aceceu a revelar à polícia alguns dados da sua história.

Presentemente decorrem investigações para o apuramento de mais pormenores sobre o caso, particularmente no que se refere à proveniência dos produtos que Paulino comercializava.



Paulino Larsen já na PIC, vendo-se ao seu lado alguns dos produtos que vendia

culminar com a detenção do candongueiro.

O «estabelecimento» clandestino é propriedade de Paulino Larsen, de 45 anos de idade e que diz dedicar-se à criação de aves, Casado e pai de quatro filhos, há mais de quatro anos que exerce sem qualquer espécie de licença, a actividade comercial na sua própria residência.

Com clientes escolhidos à dedo, e apoiado por uma vasta rede de fornecedores, também clandestinos, Paulino Larsen, transformou há algum

denunciavam também que ali se vendiam bebidas.

Na última quinta-feira, numa primeira auscultação do caso, uma brigada constituída por elementos da polícia e do Gabinete de Organização do Abastecimento da Cidade, dirigiu-se à residência de Paulino Larsen. Mas, somente, encontrou a esposa e os filhos. No mesmo dia foram descobertos inúmeros produtos armazenados em pequenas despensas existentes na casa. Uma vez que a brigada não dispunha de transporte para o carregamento da mercadoria, limitou-se a fechar a cadeado as portas das duas despensas e levar consigo as chaves.

Quando o dono da casa regressou e foi informado da ocorrência não hesitou em arrombar a janela de uma das despensas e continuar com a venda dos produtos como se nada tivesse acontecido. Muitos dos produtos encontrados quando da primeira visita, já lá não estavam quando anteontem a brigada para ali regressou.

ESPECULADOR POR EXCELÊNCIA

Paulino Larsen é suficientemente conhecido nos meios policiais. Por três vezes «foi dentro» denunciado pela vigilância popular como um especulador por excelência. A gravidade do caso — como considera a polícia — não só reside no facto de ele estar